

A Faculdade de Filosofia a 400 anos de sua fundação

A criação da primeira Faculdade de Filosofia e Ciências no Brasil. — No dia primeiro de junho de 1572, em Salvador (Ba.), iniciavam-se as aulas do Curso de Artes, o primeiro a realizar-se no Brasil. Pe. Gonçalo Leite tinha sido escolhido como Prefeito dos estudos e professor dos 12 alunos matriculados: oito jesuítas e quatro externos. Compreende-se o exíguo número de alunos: tratava-se de um curso superior, que exigia maior preparação, aplicação, tempo. E a elite intelectual que podia se candidatar a tal curso, naqueles albos da cultura brasileira, era ainda muito escassa.

Para o Brasil, adotou-se o modelo de Coimbra, que, por sua vez, se inspirava no do Colégio Romano. O tipo do Curso, seu currículo, sua duração e finalidade tinham sido traçado na quarta parte das Constituições do Fundador da Companhia: Inácio de Loiola, que em suas normas pedagógicas levava em conta a legislação universitária européia daquela época, sobretudo de Paris.

Assim é que o Curso iniciado na Bahia em 1572 abrangia a Lógica, Metafísica, Ética, Física e Matemática. Um curso superior,

pois, de Filosofia e Ciências Naturais, que durava três anos para quem se contentava com o título acadêmico de Bacharel; quatro anos para quem aspirava ao de Licenciado; e finalmente seis anos para o mais alto título: o de Mestre. Graus esses que de fato foram conferidos ("pela primeira vez no Brasil, desde todos os séculos", como comentava pomposamente um relator daquele longínquo acontecimento) respectivamente em 1575, em 1576 e em 1578.

É o primeiro curso de nível superior criado no Brasil, curso constituído de disciplinas filosóficas e científicas. Pode-se, pois, com propriedade afirmar que é a primeira Faculdade ou Instituto de Filosofia e Ciências no Brasil.

Quatro séculos passaram desde a fundação daquele Curso pelos jesuítas, na Cidade do Salvador. Por um lado, daquele tempo para cá, muita coisa mudou na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFBA. Mudou a fisionomia, começando pela ampliação do prédio, pelo número de alunos e professores, pela variedade de currículos e disciplinas, etc. Por outro, parece que o esqueleto ficou o mesmo: estudo e pesquisa no campo da Filosofia e da Ciência. Além de que ficaram idênticos os títulos e graus: Bacharelado, Licenciatura, Mestrado.

Filosofia e Ciência — Isto, porém, não significa que a situação esteja tranqüila nas Faculdades de Filosofia de hoje. A evolução do Mundo e do Saber fez com que muitos contestem a necessidade e até a simples conveniência do ensino da Filosofia e, no máximo, admitam a legitimidade de uma rápida introdução sobre problemas de lógica e epistemologia.

Segundo alguns, os progressos da Ciência dispensam a Filosofia. Ora, ninguém deixa de ver que a Ciência nestes quatro séculos tem dado passos de gigante. Exatamente, enquanto na Bahia estava se realizando tranqüilamente o primeiro Curso de Artes, na Itália um menino começava a rabiscar as primeiras operações de Matemática e, conduzido pelo instinto do gênio, a descobrir a riqueza e fecundidade da observação direta da natureza em comparação com a aceitação cega do *ipse dixit*.

Sabemos que Galileu Galilei não foi o criador da Ciência. Ela foi iniciada pelos Antigos: Tales de Mileto, Pitágoras, Aristóteles, Arquimedes, Ptolomeu, etc; recebeu um impulso notável por alguns gênios da Renascença, entre os quais emerge Leonardo Da Vinci. Mas Galileu Galilei teve o mérito de abrir o caminho e indicar com clareza e segurança, através de seus escritos e suas pesquisas, o método certo da Ciência.

E de Galileu até hoje ninguém ignora quantas descobertas, quantos conhecimentos novos, quantas aplicações técnicas a Ciência proporcionou à Humanidade. Foi ela que mudou o Mundo, não

somente em sua face externa, no modo de vestir, alimentar-se, viajar, trabalhar, produzir, fazer comércio, divertir-se, mas em sua própria mentalidade, em seu próprio modo de ser. O homem de hoje olha para si e para o mundo circunstante de forma completamente diversa da do homem que vivia na segunda metade do século XVI.

Será que este império da Ciência tornou supérflua a Filosofia? A nosso modo de ver, é exatamente o contrário que está acontecendo. A Ciência, longe de dispensar a Filosofia, a torna mais urgente e necessária. A Filosofia, com efeito, representa a consciência da Ciência, no sentido de que é pela Filosofia, e só por ela, que a Ciência se justifica diante de si mesma, toma conhecimento da validade de seu método e demonstra o valor de seus resultados. Ao mesmo tempo, ela constitui o coroamento e o ápice da Ciência que, quase sempre, pelo menos nos grandes cientistas, chegada a um certo nível de sua reflexão, não consegue conter-se dentro dele e extrapola para perspectivas e conclusões de caráter filosófico.

A Filosofia, fundamento do método científico — Gostaríamos de mostrar a pertinência dessas afirmações com alguns exemplos concretos, tirados da própria História da Ciência. Começemos com os dois incontestáveis pioneiros da Ciência moderna e contemporânea: Leonardo Da Vinci (1452-1519) e Galileu Galilei (1546-1624). Com que argumentos eles tentam justificar o novo conceito e método da Ciência diante da longa tradição e prática contrárias? Com argumentos de ordem filosófica.

É interessante observar que ambos, embora à distância de quase um século, recorrem, para defender os novos métodos, a considerações epistemológicas substancialmente idênticas, embora naturalmente Galileu se mostre mais afinado e completo.

Trata-se de demolir o mito da autoridade de Aristóteles? Ambos fazem observar que contra os fatos não valem os argumentos, segundo o antigo adágio filosófico, e que não há nenhuma autoridade que possa invalidar o testemunho dos sentidos ou da experiência (1).

Tratava-se de distinguir as diversas etapas do processo científico? Ambos, apoiados nos mesmos princípios filosóficos, indicam as mesmas fases. Isto é: parte-se da experiência para determinar a hipótese explicativa ou razão ou causa; volta-se de novo para a experiência para provar a hipótese explicativa. E se a nova experiência não confirmar a hipótese e sugerir outra diferente, abre-se um novo ciclo de investigação até conseguir a prova do caráter necessário da causa indicada pela hipótese.

Note-se que, se para ambos a experiência é o ponto de partida, para ambos também a razão ou causa ou lei é o fim visado, a meta de toda a observação e experimentação. É esta lei que nos leva a

descobrir a estrutura íntima da realidade e o próprio segredo da mente divina (?).

Em conclusão, vemos que os dois máximos patriarcas da Ciência contemporânea, recorrem, para justificar suas idéias revolucionárias, a considerações de ordem filosófica. Hoje ninguém duvida da legitimidade e fecundidade do método científico por eles definitivamente estabelecido. Mas muitos ignoram que foi laboriosamente edificado e continua sustentando-se unicamente sobre alicerces filosóficos.

Quem quiser dar-se conta de sua validez deverá inevitavelmente voltar àqueles fundamentos epistemológicos.

A Filosofia, resposta às últimas interrogações da Ciência — Mas a Filosofia não é só o fundamento da Ciência, ela constitui também o seu acabamento e coroamento. Dizíamos que a Ciência, a grande Ciência, a um certo momento leva, além de si mesma, à Filosofia. Isto pode ser comprovado com o exemplo da maioria dos grandes cientistas. Limitemo-nos a dois contemporâneos bem conhecidos e muito controvertidos, não propriamente por suas opiniões estritamente científicas, que quase ninguém põe em dúvida, mas pelas suas opiniões filosóficas. Refiro-me a Teilhard de Chardin e J. Monod.

Acho dispensável provar aqui que ambos são grandes cientistas. Há quem duvide de Teilhard de Chardin: convidamo-lo a ler suas obras e artigos científicos, que proximamente serão publicados por uma editora alemã em doze volumes.

Pois bem, embora os dois cientistas avancem em sentido completamente diverso — um terminando numa visão mística do progresso e outro no pessimismo mais desolador —, ambos têm em comum o ponto de partida e a aspiração final. Ambos, com efeito, querem partir de dados concretos, certos, científicos; ambos, porém, sentem a necessidade de ultrapassar o puro fenômeno, o puro fato experimental e indagam sobre suas leis, suas implicâncias humanas, sua significação última em relação ao sentido do Universo. É este fato que queremos realçar aqui, prescindindo das conclusões contraditórias a que chegaram e que discutimos em outras publicações: o fato de os dois, natos com a vocação científica e rigorosamente formados nos métodos da Ciência, não conseguirem limitar suas investigações ao nível científico, mas, no auge de sua carreira de cientistas, serem levados a fazer Filosofia.

Toda a desventura e todo o sucesso de Teilhard deve-se a esta circunstância. Se ele teve tantas dificuldades e sofreu tantas amarguras por parte da autoridade eclesiástica, não foi por suas atividades científicas, já que ninguém lhe proibia escrever e publicar sobre assuntos estritamente científicos. Os anátemas começaram a chegar

quando ele se aventurou nos arraiais da Filosofia e Teologia. Por outro lado, o espetacular sucesso que durante alguns anos tiveram os escritos de Teilhard e a influência que continua exercendo no pensamento contemporâneo, não se devem em primeiro lugar às teses científicas por ele defendidas, mas às conclusões e extrapolações de caráter sociológico, filosófico e religioso baseadas naquelas teses.

J. Monod, ao contrário de Teilhard — que sempre se iludiu de não fazer Filosofia e sempre se recusou a ser considerado filósofo — reconhece, desde o Prefácio de seu conhecidíssimo *O Acaso e a Necessidade*, que seu livro representa — além de uma exposição das últimas descobertas em bioquímica celular — uma incursão no campo da Filosofia. Por isso, não hesitou em dar-lhe como subtítulo: *Ensaio sobre a filosofia natural da Biologia moderna*, embora percebesse os riscos de tal empreendimento: “Hoje é imprudente, por parte de um homem de Ciência, empregar a palavra “filosofia”, ainda que seja “natural”, no título (ou mesmo no subtítulo) de uma obra. Certamente ela será acolhida com desconfiança pelos homens de Ciência e, na melhor das hipóteses, com condescendência pelos filósofos.

“Tenho apenas uma justificativa, mas creio ser legítimo: o dever que se impõe, hoje mais do que nunca, aos homens de Ciência, de pensar sua disciplina dentro do conjunto da cultura moderna para enriquecê-la não só de conhecimentos tecnicamente importantes, mas também das idéias provenientes de sua Ciência, que eles podem crer humanamente significativas. A própria ingenuidade de um olhar novo — e o da Ciência o é sempre — às vezes pode lançar uma nova luz sobre antigos problemas” (3).

Para Monod, pois, o cientista não somente pode, se quiser, deduzir de sua Ciência as conclusões filosóficas “humanamente significativas”, mas *deve* fazê-lo, em virtude da responsabilidade que tem como homem para com seus semelhantes. Nesta dedução, é necessário guardar-se de um perigo. “É preciso que evitemos toda a confusão entre as idéias sugeridas pela Ciência e a própria Ciência. Mas também é preciso que não tenhamos receio de levar aos seus limites as conclusões que a Ciência autoriza, a fim de revelar sua plena significação. Este é um exercício difícil. Não pretendo desincumbir-se dele sem erros” (4).

Digamos claro que efetivamente Monod, como também Teilhard, não conseguiu manter bem distintos os dois planos de reflexão. O que nos interessa aqui, porém, é a reconhecida necessidade da reflexão filosófica sobre os dados da Ciência, que são “humanamente significativos”. Ora, não existe conhecimento — nem sequer o mais abstrato e o mais técnico — que não interesse, direta ou indiretamente, ao homem.

A razão última, segundo Monod, do dever do cientista, de contribuir com os seus conhecimentos e descobertas à solução do problema do homem, está no fato de estar presente no homem, desde os primórdios de sua história, "a exigência de uma explicação, a angústia que nos pressiona a procurar o sentido da existência. Angústia criadora de todos os mitos, de todas as religiões, de todas as filosofias e da ciência mesma. De minha parte, não duvido de que esta imperiosa necessidade seja inata, inscrita em algum lugar na linguagem do código genético, nem de que se desenvolva espontaneamente" (5). Notável afirmação na pena de um cientista, quando estamos acostumados a ouvir de toda a parte que o homem técnico de hoje já não se interessa mais pelos problemas últimos de sua existência.

Citamos dois exemplos contemporâneos, mas, como escrevia Teilhard, na Advertência ao "Fenômeno Humano", todos os grandes sábios modernos: Poincaré, Einstein, Jeans, etc., (e nós poderíamos acrescentar W. Heisenberg, N. Weiner, etc.), que tentaram dar uma interpretação científica geral do Universo, foram conduzidos inevitavelmente a extrapolar do plano científico ao plano filosófico.

Diante disso, só quem ignora as tendências profundas do pensamento contemporâneo pode apregoar como próximo o desaparecimento da Filosofia. Talvez desapareça um certo tipo de filosofia, como desapareceu um certo tipo de ciência, de história, de economia, etc. Talvez os filósofos que terão audiência junto às gerações futuras sejam os filósofos-cientistas. Talvez seja necessário — pela impossibilidade de o grande cientista possuir os conhecimentos necessários ao filósofo, e de o grande filósofo embrenhar-se na pesquisa científica — chegar a uma colaboração efetiva, a um diálogo sincero entre cientistas e filósofos.

Necessidade de diálogo entre filósofos e cientistas — Longe de afastar ou ignorar os cientistas, os filósofos deveriam, na medida do possível, estudá-los na fonte, com eles esclarecer certos problemas contíguos da Filosofia e da Ciência, juntamente com eles construir uma visão do Mundo e do Homem.

Deste diálogo e colaboração recíproca entre cientistas e filósofos, suposto que se realize num clima de simpatia, honestidade, profundidade, o cientista e o filósofo sairão enriquecidos. O cientista se convencerá que quanto mais a Ciência penetra na estrutura do Homem, tanto mais ela está longe de esgotá-lo. Convencer-se-á cada vez mais da verdade da afirmação de Heidegger: "Nenhuma época acumulou, como a nossa, conhecimentos tão numerosos e tão diversos sobre o homem. . . mas também nenhuma época soube menos o que é o homem. A nenhuma pareceu ele tão misterioso". Em conse-

quência disto experimentará cada vez mais a necessidade da reflexão em profundidade do filósofo.

De outra parte, o filósofo só tem que ganhar na convivência com os cientistas. Não é que a Ciência lhe ofereça pronta a solução de seus problemas: pelo contrário, num certo sentido, os tornará mais complicados.

Mas exatamente aqui está a vantagem. Que o filósofo perceba que não pode contentar-se com um verbalismo vazio, com fórmulas já feitas, com distinções estereotipadas: a realidade muitas vezes escapa aos silogismos mais inpecáveis; a dedução pode começar somente quando fundada numa indução (observação e experimentação) adequada. O filósofo, pois, aprenderá do cientista a ser mais cauteloso, mais atento, mais modesto em suas afirmações. Ao mesmo tempo receberá do cientista um material precioso para suas especulações sobre a natureza, as propriedades e leis da matéria, do universo, do espírito.

Talvez haja um pouco de exagero, mas costumamos dizer que a Ciência representa para a Filosofia o que é a Bíblia para o crente, e que uma filosofia construída sem bases científicas é tempo perdido. Ninguém, a não ser um louco, pensaria em lançar um foguete ao espaço fora da base de lançamento; para os vôos dos filósofos, a plataforma de lançamento é a ciência em sua contínua evolução.

Só para citar alguns exemplos: como falar hoje de matéria, espaço, tempo sem levar em conta as últimas descobertas científicas sobre a constituição do átomo a relatividade, a anti-matéria, etc.? Como falar do ser vivo sem colocar o problema da evolução, ou conhecer os estudos em curso de bioquímica celular e genética? Como falar em princípio de causalidade e de finalidade, sem encerrar as objeções que vem do indeterminismo de Heisenberg e do acaso de Monod? É assim por diante. Isso naturalmente implicaria numa reformulação do currículo atual do Curso de Licenciatura em Filosofia.

Não se pense que estamos defendendo uma posição nova ou *pra frente* dentro da filosofia. Parece-nos, pelo contrário, que estamos na linha dos mais ortodoxos entre os filósofos, começando com aquele que consideramos Senhor e Mestre da Filosofia. Aristóteles antes observava e pesquisava a natureza, e depois, só depois construía suas teorias filosóficas. Aristóteles, antes de ser o maior filósofo de toda a Antiguidade e talvez de todos os tempos, foi a maior cientista da Antiguidade. São os cientistas que lhe reivindicam este mérito, enquanto os filósofos parecem ignorá-lo e subestimá-lo.

Aliás, também entre os filósofos modernos, tiveram maior projeção e influência aqueles que possuíam maior formação científica e que até contribuíram para o próprio desenvolvimento da Ciência, como Descartes, Kant, e mais recentemente, E. Husserl.

É interessante notar esta coincidência: entre os filósofos, marcam mais profundamente o pensamento os filósofos-cientistas; entre os cientistas, despertam maior interesse os cientistas-filósofos. Parece, pois, que o homem não pode viver nem só de Filosofia, nem só de Ciência; mas que está precisando de ambas, colaborando harmoniosamente — cada uma com seus meios e em sua esfera — para uma visão única do Universo e do Homem.

Urgência de uma filosofia do homem — Vimos como, segundo Monod, a exigência de uma explicação e a angústia do sentido da existência pressionam o homem desde o início de sua história. O mesmo pensa Teilhard, que vê intimamente ligados o problema da evolução cósmica e o da angústia humana, que nasceria do fato de o homem não estar seguro de que há uma saída para esta evolução.

Ora, resposta a estas interrogações e dúvidas nos vem somente da Filosofia, contanto que leve em conta os dados da Ciência. Só a Filosofia assim entendida pode responder a perguntas tais como: o que caracteriza o “*homo sapiens*” em relação aos outros viventes? Como se concilia a profunda unidade do homem com sua radical ambigüidade? Como explicar a tensão entre espírito e matéria, razão e coração, determinação e liberdade? O que significa e o que vale o homem singular frente à sociedade, à história, ao universo? Em que relação está ele com os valores do verdadeiro, do belo, do bom? Qual sua missão no mundo? Qual seu destino individual e coletivo? Etc.

Desse jeito, também se obviaria a um dos maiores perigos que ameaçam a nossa civilização supertecnizada. São as próprias sumidades da ciência contemporâneo, que expressaram sua profunda preocupação em relação aos progressos da ciência, que aos poucos levarão ao controle quase total da Humanidade, dos povos e dos indivíduos. Então pergunta-se: um Einstein, o pai da relatividade; um N. Wiener, o fundador da cibernética; um H. Kahn, o famoso futurologo — quem terá o controle dos controladores e engenheiros da sociedade e das pessoas, e de acordo com que valores? Porque mais importante do que o *know-how* é o *know-what*, como reconhece N. Wiener. Ora, ao *know-how* responde a Ciência; ao *know-what* responde a Filosofia.

Portanto, é para uma filosofia do homem que apelam estes grandes cientistas, a fim de que a Ciência, em lugar de edificar o homem, não o destrua. E, com efeito, a Ciência é essencialmente — por sua própria estrutura e método — coisificante e instrumentalizante. Ela converte em objeto tudo o que toca. O seu olhar, à semelhança do da Medusa antiga, é petrificante. Porque a função dela é analisar, investigar, decompor em elementos os objetos que lhe são apresentados e que lhe são apresentados pela experiência. Ora, o

homem é uma totalidade e nunca será entendido enquanto ficar estudado separadamente em seus elementos. E sobretudo ela apresenta aspectos que as ciências exatas nunca poderão atingir. E são os aspectos mais importantes. Consciência de si, liberdade, responsabilidade, etc., não podem ser objetos de medida e experimentação.

Consequentemente, é legítimo afirmar que à ciência é impenetrável o conhecimento da pessoa como tal. A pessoa é uma noção essencialmente filosófica. Isso tem conseqüências gravíssimas, como, por exemplo, de que ela nunca basta para realizar o homem total e construir uma convivência humana autêntica.

Até agora falamos das ciências exatas. Mas algo de semelhante pode-se dizer de outras ciências: Economia, Direito, Política. Não é possível realizar uma economia verdadeiramente humana sem uma pressuposta filosofia do homem.

O problema é muito importante, sobretudo para os países em desenvolvimento, como o Brasil. Paulo VI, em sua famosa Encíclica "Desenvolvimento dos Povos", o coloca em termos claros e incisivos: "Qualquer programa feito para aumentar a produção não tem, afinal, razão de ser senão colocado ao serviço da pessoa. Deve reduzir desigualdades, combater discriminações, libertar o homem da servidão, torná-lo capaz de, por si próprio, ser o agente responsável do seu bem-estar material, progresso moral e desenvolvimento espiritual. Dizer desenvolvimento é, com efeito, preocupar-se tanto com o progresso social como com o crescimento econômico. Não basta aumentar a riqueza comum, para que ela seja repartida equitativamente. Não basta promover a técnica, para que a terra possa ser habitada de maneira mais humana. . . A tecnocracia de amanhã pode gerar ainda piores males que o liberalismo de ontem. Economia e técnica não tem sentido, senão em função do homem, ao qual devem servir".

Não basta que o Brasil ofereça ao mundo índices espetaculares de crescimento econômico se, ao mesmo tempo, áreas humanas, que mais precisariam do desenvolvimento econômico e social, em lugar de melhorar, pioram. Enquanto uma economia conduzir ao resultado de o país enriquecer e o povo empobrecer, nunca se poderá ficar satisfeito com ela. Eis porque o mesmo Papa, no referido documento, à semelhança dos grandes cientistas que citamos acima, convida para a tarefa do desenvolvimento (além dos governantes e técnicos) os sábios, a fim de que dêem sua contribuição de humanizar o processo econômico.

Observações análogas podem-se fazer a respeito do Direito, da Política e das outras ciências que dizem respeito ao governo e crescimento da sociedade.

O que é o Direito, se não for fundamentado e iluminado por uma filosofia do homem? Não passaria de uma máquina de calcular,

um legislador, um juiz, um advogado que fosse perito só em cânones e artigos de códigos.

Neste caso, um País, mais que de homens honestos e cabeças inteligentes, precisaria de experimentados operadores de computador a quem confiasse as tarefas do governo.

Parece que estamos brincando. Mas, infelizmente, há países que estão rumando para a civilização do computador. E então ninguém deveria se admirar de que bombas atômicas sejam lançadas em Hiroshima e Nagasaki e uma guerra desastrosa assole o Vietnam, ou de que nazistas e comunistas matem nas câmaras de gás ou nos campos de concentração milhares de homens, mulheres e crianças. O computador, ou uma cabeça humana que funcione como um computador, não tem coração, não tem princípios, a não ser o princípio da melhor funcionalidade e maior produtividade. Então, sim, haveria o perigo de recuarmos a uma barbárie muito mais cruel e desastrosa que a das tribos primitivas.

A Filosofia não serve para nada e serve para tudo. Como dizia um notável filósofo contemporâneo, "Temos de convir com Whitehead, quando, comparando os êxitos de um Alexandre, de um César e de um Napoleão aos resultados, na aparência infrutuosos, dos filósofos, exclama: é, sem rúvida, o pensamento que transforma a face da humanidade. Para comprovar tal fato, não é mister remontar com o metafísico inglês até aos pitagóricos. Basta recordar o prodigioso sulco aberto por Hegel, pensador tão extemporâneo e de tão difícil compreensão. Tanto o fascismo como o nacional-socialismo e o comunismo vêem nele, por igual, o iniciador: ele é uma das potências que estão transformando o mundo" (6).

Considere-se também a influência do pensamento de Nietzsche sobre a Alemanha de Hitler. É conhecido que muitos oficiais e soldados nazistas partiam para a última guerra com o livro de Nietzsche *Assim falou Zarathustra* no bolso. Ainda se discute a influência de Marcuse sobre os movimentos juvenis de contestação de alguns anos atrás. Marx costumava dizer que, se a idéia sem a ação é estéril, a ação sem a idéia é vazia. E o marxismo de Marx, Lenin, Stalin e Mao-Tsé-Tung é um caso dos mais expressivos da valorização das idéias em função da ação.

A Filosofia no Brasil — A Filosofia entendida da forma que expusemos nas páginas precedentes, nós a achamos indispensável para todo o homem culto e não vemos o motivo porque não deveria ser introduzida em todos os cursos universitários, como disciplina básica e nuclear. Seria um crime tirá-la da área de Ciências Humanas, mas também consideramos falta de sensibilidade cultural não admiti-la nos cursos das outras áreas (?).

Infelizmente, nós, que bem ou mal somos chamados de filósofos, temos dado algum motivo para este desprestígio da Filosofia. Muitas vezes a ensinamos em forma abstrata, desencarnada e irreal, com uma auto-suficiência presunçosa, sem levar em conta o resto do mundo que nos rodeia e sobretudo os movimentos científicos. Acrescente-se a linguagem excessivamente técnica, enigmática e nebulosa em que são exarados muitos escritos de Filosofia, e teremos alguns motivos do afastamento de muitos, também entre os profissionais da Cultura, da Filosofia.

Há, porém, também motivos por partes do "público" a quem os filósofos se dirigem. Entre tais motivos, todavia, nós não colocamos uma certa opinião muito difundida, também em ambientes brasileiros, de que o brasileiro é alérgico e refratário à especulação metafísica, citando-se em confirmação a famosa frase de Tobias Barreto: "O Brasil não tem cabeça filosófica" (8).

Não queremos entrar nesta polêmica. Gostaríamos só de nos referir a uma experiência pessoal. Quem escreve este artigo ensinou Filosofia durante muitos anos em Universidades da Europa e está lecionando a mesma disciplina em Universidades brasileiras há quase 10 anos. Pois bem: não encontramos quase nenhuma diferença entre a capacidade de reflexão filosófica dos alunos europeus e a dos brasileiros. Naturalmente, há turmas e turmas, como há alunos e alunos. Mas isto acontece em toda a parte do mundo.

Onde notamos diferença marcante foi na pobreza de recursos bibliográficos e de pesquisas: pobreza de edições críticas das obras dos grandes filósofos; pobreza de estudos e comentários sobre o pensamento dos mesmos; pobreza de revistas atualizadas; pobreza também de traduções portuguesas, porquanto não muitos estudantes lêem alemão, francês e italiano, que são as línguas das nações que deram a maior contribuição à Filosofia e nas quais são traduzidos os pensadores que produziram ou produzem algo de válido em outras línguas.

As vezes — muitas vezes —, não é possível fazer uma pesquisa ou encaminhar os alunos ao contato direto com os autores, porque suas obras não existem nas bibliotecas acessíveis (9).

É natural que isso aconteça. Porque — e aqui talvez toquemos a razão mais profunda — não há interesse pela Filosofia. Não há interesse no povo, que, aliás, tem, às vezes, uma sua filosofia que desafia a dos filósofos de profissão. Há pouco interesse nas elites acadêmicas. E "ao que parece, há desestímulo por parte dos responsáveis pela reforma do ensino superior com relação ao estudo da filosofia" (10). Alguns dispositivos das superiores autoridades acadêmicas parecem justificar essa dúvida (11).

E há uma trágica falta de mercado de trabalho para os formados nela.

Nesta situação, é claro que não pode haver florescimento do pensamento filosófico e que algumas autênticas vocações filosóficas se percam ao longo do caminho. Cai-se no círculo vicioso: a Filosofia é desprestigiada porque não oferece grandes expressões e não oferece grandes expressões porque é desprestigiada. (12).

Há muita coisa que examinar sobre o papel, o lugar e o método da Filosofia nas Universidades. Há muita coisa que corrigir e melhorar. Sobretudo há necessidade de elevar seu *status* universitário, tirando-a da situação de quase marginalização e oferecendo-lhe maiores subsídios e recursos científicos.

Não obstante tud iss, e apesar de todas as opiniões nihilistas e pessimistas, a Filosofia "é uma das maiores potências espirituais, que afasta o homem de soçobrar na barbárie e o ajuda a continuar sendo homem em grau cada vez mais elevado" (13).

No dizer de E. Husserl, o filósofo é o "funcionário da humanidade". Melhor diríamos com Heidegger: ele é a consciência e a sentinela da humanidade.

P. DALLE NOGARE, SJ

1 É com indignação que Leonardo se defende de seus estúpidos adversários. "Mesmo que eu não soubesse, como eles, invocar o testemunho dos autores, citarei algo muito maior e mais digno invocando o testemunho da experiência, mestre dos mestres dos mesmos. Estes andam envaidecidos e pomposos, vestidos e enfeitados, não com as suas própria fadigas, mas com as alheias, e não querem conceder as mesmas a mim mesmo. E se menosprezam a mim, inventor, quanto mais não poderiam ser censurados eles, que não são inventores mas pregoeiros e recitadores das obras alheias" (Cod. Atl., 117 r.).

E não é com menor indignação que Galileu Galilei faz valer as mesmas razões. "Não quero dizer com isto que não devemos escutar Aristóteles; pelo contrário, parece-me louvável consultá-lo e estudá-lo cuidadosamente. A única coisa que censuro é que se lhe entreguem incondicionalmente, subscrevendo às cegas, cada uma de suas palavras e considerando-as como oráculo divino, sem atender a outras razões. Isto é um abuso que tem como consequência outro grave dano: ninguém mais se esforça por certificar-se do rigor das suas demonstrações. Que pode haver de mais vergonhoso que ver, numa disputa pública sobre conclusões demonstráveis, surgir alguém com uma citação muitas vezes relativa a temas muito diferentes e com ela fechar a boca do adversário? Quando também vós quiserdes continuar a estudar desta maneira, não vos chameis filósofos, mas sim historiadores ou doutores em memorização; porque, quem nunca filosofou,

não deve aspirar ao honroso título de filósofo... Trazei as razões e as demonstrações, vossa ou de Aristóteles, e não citações ou meras autoridades, porque as nossas investigações têm por objeto o mundo dos sentidos, e não um mundo de papel" (Galilei, G. *Dialogo dei masimi sistemi*. Florença, 1890-1909, citado por Heisenberg, W. *A imagem da natureza na Física moderna*. Lisboa, LBL, s.d. p. 72.

² Esta razão e lei, já para Leonardo, é formulável com precisão só por leis matemáticas. "Nenhuma pesquisa humana pode chamar-se ciência se não passar pelas demonstrações matemáticas" (*Tratado da pintura*, § 1). "Nenhuma certeza existe em que não se possa aplicar uma das ciências matemáticas ou das que estão unidas às matemáticas" (Ms. G., fl. 96 v.).

Não menos categórico Galileu Galilei, para quem o livro da natureza está escrito em caracteres matemáticos e é compreensível, portanto, só pelos iniciados neste alfabeto especial. "Por ser escrito em caracteres diferentes dos do nosso alfabeto, não pode ser lido por todos; e os caracteres de semelhante livro são triângulos, quadrados, círculos, esferas, cones, pirâmides e outras figuras matemáticas muitíssimo próprias para tal leitura" (Carta 4106. In: *Opere*. Ed. ital., t. 18). Leonardo e Galilei falam da natureza física: era claro para eles que a matemática não pode aplicar-se à natureza espiritual do homem.

³ Monod, J. *O acaso e a necessidade*. Petrópolis, Vozes, 1971. p. 11.

⁴ *Ibid.*

⁵ *Ibid.*, p. 185.

⁶ Bochenski, I. M. *A Filosofia contemporânea ocidental*. São Paulo, Herder, 1968. p. 14.

⁷ Uma providência que poderia satisfazer — em parte — à exigência de pensamento e cultura filosófica na Universidade, seria oferecer aos alunos de todas as áreas — como disciplinas eletivas — cursos de diversa duração versando sobre temas filosóficos ou conexos com a filosofia que interessam a todo o homem culto ou a determinadas categorias de intelectuais. Por exemplo: sobre os principais representantes do pensamento contemporâneo ou sobre algum deles; de particular influência e ressonância na cultura nacional e internacional; sobre homem e história; liberdade e determinismo; alma e corpo; ciência e filosofia; desenvolvimento e filosofia; etc. Tais cursos, sendo eletivos, de uma parte deveriam ser realizados em lugares e horários acessíveis a todos; de outra seriam frequentados livremente pelos que têm interesse por tais problemas. Até poder-se-ia pensar em extendê-los à Comunidade. É dispensado dizer que estes cursos deveriam ser dados por especialistas no assunto e deveriam marcar momentos altos da vida universitária, tornando-se uma demonstração concreta da possibilidade e fecundidade do diálogo — de que falamos acima — entre filosofia e os outros ramos do saber.

⁸ Cf. Campos, Astério. Que há com a Filosofia no Brasil? *Rev. bras. de Filosofia*. Rio, 85: 42 e seg.

⁹ Disso não culpamos Universidades ou Departamentos particulares dessa ou daquela cidade; pelo que constatamos e lemos, a situação é quase geral no Brasil (Cf. Campos, op. cit., p. 52).

¹⁰ *Ibid.*, citando uma resposta do Prof. Henrique Vaz.

¹¹ O *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 12 ago. 1972, num Editorial com o título "Reforma a meditar", notava a propósito da Reforma do Ensino Secundário: "Além da inviabilidade demonstrada até aqui na experiência de alguns meses, a reforma comporta ainda outros aspectos dignos de meditação mais apurada. Um deles foi levantado pela Profa. Lúcia Magalhães, que participou, como diretora do Ensino Secundário do Ministério da Educação, das reformas formuladas por Francisco Campos e Gustavo Capanema. Com o seu longo tirocínio, ela aponta o que, a seu ver, constitui deformação grave: a técnica tende a reduzir o conteúdo humanista.

O pragmatismo em excesso perfilado do modelo educacional norte-americano, pode descaracterizar, na opinião da educadora, a pedagogia brasileira, que tem uma tradição de humanismo herdada das culturas latinas. Os reformadores do ensino básico transplantaram a experiência norte-americana sem darem conta de que poriam em risco, eventualmente, a continuidade do nosso processo cultural”.

Ora, a matriz do Humanismo ocidental sempre foi a Filosofia. Naturalmente nada exclui e até é desejável — como estamos sustentando neste artigo — que esse Humanismo latino seja revigorado e integrado pela assimilação das novas e revolucionárias perspectivas abertas pela Ciência moderna. Seja bem-vinda, pois, a formação científica e técnica, mas não bote para fora a formação humanista.

¹² O Prof. Henrique Vaz, em seu “Suplemento”. In: Franca, Leonel (Pc.). *Noções de história da Filosofia*. 19.^a ed. Rio de Janeiro, 1967. p. 349, escreve: “Constituindo o coração do corpo universitário das Faculdades de Filosofia, são responsáveis pela intensidade e qualidade da vida intelectual que o anima. Abertas, pela natureza mesma das suas atividades de pesquisa pura para o horizonte das problematizações radicais, elas se apresentam como o lugar privilegiado das tomadas de consciência e do descortino dos itinerários novos. Missão decisiva, se aceitamos dar aos órgãos normais da cultura uma específica causalidade no processo social, capaz de reagir originalmente ante a pressão das infraestruturas para elaborar em fórmulas de universalidade humana e inteligível validade o conteúdo das autênticas exigências de um momento histórico”. Ai de nós! Como a realidade concreta contrasta com essas idealizações: como o ser está longe do que deveria ser!

¹³ Bochenski, op. cit., p. 14.